



# PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS QUANTO A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ALTAS HABILIDADES NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA – PR

*Darcieli Stevens Spies<sup>1</sup>, Camila Delinski Bet<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. UniCesumar. [darcieli.psicologia@gmail.com](mailto:darcieli.psicologia@gmail.com)

<sup>2</sup>Docente de Psicologia, Doutora, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. [camila.bet@unicesumar.edu.br](mailto:camila.bet@unicesumar.edu.br)

## RESUMO

A condição de Altas Habilidades é uma neurodivergência cuja definição ainda não se encontra bem sedimentada. Em linhas gerais, os indivíduos altamente habilidosos apresentam características como precocidade cognitiva, intensidade de resposta e sensibilidade emocional. Por apresentarem desenvolvimento atípico, atualmente estão incluídos como público-alvo da educação especial, conforme Lei 9393/96 (LDB) nos artigos 58 e 59. O desenvolvimento da criança com altas habilidades se inicia na instituição familiar e, posteriormente na escola, onde irão desenvolver competências sociais e pessoais. O aprendizado não ocorre de maneira isolada, mas sim, atrelado ao bem-estar psicológico do aluno. Por isso, é fundamental que as famílias desses alunos estejam em constante contato com as escolas, estabelecendo parcerias reais e capazes de servirem como rede de apoio mútuas. Nesse sentido, se faz necessário o desenvolvimento de pesquisas capazes de demonstrar como as famílias percebem a inclusão escolar, o acompanhamento pedagógico e os desafios na aprendizagem e no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes com AHSD no município de Ponta Grossa – Paraná. Os resultados parciais demonstram fragilidades no relacionamento família-escola dos estudantes altamente habilidosos do município, bem como um aparente despreparo das instituições de ensino, causando insegurança às famílias. Os problemas percebidos até o momento corroboram com a literatura e demonstram necessidade urgente de maiores estudos relacionados à temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação especial; Educação inclusiva; Neurodivergência; Superdotação.

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de altas habilidades ou superdotação ainda é indefinido na literatura; enquanto alguns o associam a um QI elevado, outros adotam uma visão multidimensional da inteligência, que pode se manifestar de diversas formas além do desempenho acadêmico. (Castro; Britto, 2023). Independente de qual teoria está mais correta, fato é que a condição das Altas Habilidades/ Superdotação ainda se encontra permeada por mitos e preconceitos que dificultam o atendimento adequado e efetivo dessa parte da população estudantil (Andreatta Faber; Alves, 2023).

Embora possam se manifestar juntamente com outras condições de neurodivergência, como Transtorno do Espectro Autista e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, caracterizando uma dupla excepcionalidade, é comum que indivíduos apresentem somente a superdotação (Delou, 2022). Importante compreender que a condição isolada de altas habilidades também é considerada uma forma de desenvolvimento atípico, uma vez que esses indivíduos apresentam uma complexidade cognitiva, intensidade de resposta, sensibilidade emocional, imaginação vívida e complexidade de interesses únicos (Virgolim, 2021), bem como dissincronias que compreendem um desenvolvimento cognitivo mais precoce quando comparado ao de outras áreas como psicomotora, afetiva e social (Rech; Freitas, 2021).

Essas crianças apresentaram diferenças significativas em relação ao padrão esperado do aluno típico (Nauroski; Sakaguti, 2018), sendo considerados público alvo da educação especial, conforme a Lei 9.394/96 (Lei de Bases e Diretrizes da Educação –



LDB), que em seu Artigo 58 inclui o aluno com AHSD na categoria de educação especial e, em seu artigo 59 dispõe como o atendimento deve ser realizado no sistema de ensino (Castro; Britto, 2023).

A família é o primeiro espaço de socialização e inclusão de todas as crianças, sejam típicas ou atípicas. Ao perceberem características distintas em seus filhos, a família busca por resposta ou explicação, e a partir do momento em que ocorre a identificação da condição de altas habilidades elas passam por um novo processo, em busca de uma aceitação da condição (Rech; Freitas, 2021). Já a escola é o ambiente fundamental no desenvolvimento de diversas competências sociais e pessoais dos estudantes. Gaspar et al. (2020) apontam que há forte relação entre o desenvolvimento das competências sociais e pessoais e o bem-estar psicológico do estudante durante seu desenvolvimento e enfatizam que o sucesso escolar terá maior efetividade quando o estudante estiver inserido em um ambiente onde encontre apoio e bem-estar psicológico.

A aprendizagem deve ser percebida não como exclusivamente processo cognitivo, mas sim um enlace com o funcionamento emocional do indivíduo (Virgolim, 2021). Quanto ao bem estar-escolar Rech e Freitas (2021) pontuam que é importante compreender que os indivíduos com altas habilidades são únicos, não devendo ser comparados com outros, pois cada um apresenta suas próprias vulnerabilidades. Diante disso, a intervenção somente será bem sucedida de considerar o aluno em outros contextos de aprendizagem, dentre os quais se destaca a família (Nauroski; Sakagutti, 2018). Rech e Freitas (2021) enfatizam que a família é capaz de trazer conhecimentos sobre a individualidade dos filhos, e viabilizar a comunicação entre a família e a escola se torna fundamental para que os estudantes sejam bem atendidos em suas demandas específicas. Ainda, é importante que a família encontre na escola uma rede de apoio para o desenvolvimento do seu filho (Nauroski; Sakagutti, 2018).

Para Boechat et. al (2024), estabelecer parceria entre família e escola é fundamental para o sucesso da inclusão escolar. Segundo os autores, somente através da comunicação eficiente e colaboração contínua entre essas duas instituições tão importantes para o desenvolvimento humano, é que será possível a implementação de práticas pedagógicas adaptadas. Diante da condição de atipicidade e necessidades educacionais especiais fundamentais para essa parcela da população estudantil, considera-se importante um bom relacionamento família-escola, para garantir uma inclusão educacional adequada e por consequência minimizar danos no bem estar escolar e emocional aos estudantes com AHSD. Portanto, o estudo busca entender como as famílias percebem a inclusão escolar, o acompanhamento pedagógico e os desafios na aprendizagem e no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes com AHSD no município.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo tem natureza básica, abordagem quali-quantitativa, objetivo exploratório e procedimento de coleta de dados por meio de levantamento. Para isso, um questionário estruturado (contendo 20 perguntas, sendo 18 questões de respostas fechadas e somente 2 abertas a respeito da caracterização e principais dificuldades de relação aluno-escola) foi elaborado (autoria própria) e compartilhado, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UniCesumar (parecer nº 7.602.414; CAAE nº 88749825.9.0000.5539) via WhatsApp por meio de amostragem de bola de neve (encaminhado a uma família e solicitado o envio para outras que se enquadram na mesma situação), tendo como público-alvo famílias de crianças e/ou adolescentes com AHSD moradores de Ponta Grossa/PR.

Utilizou-se de estatística descritiva para apresentação das frequências relativas por meio do software estatístico Jamovi 2.3.21. Entre as variáveis qualitativas investigadas



estão: intervenção neuropsicológica; reconhecimento de alunos com Altas Habilidades, realização de reuniões na escola e percepção das famílias em relação ao preparo e conhecimento voltado às crianças com AHSD. A análise de Bardin para interpretação das variáveis qualitativas investigadas, a qual foi estruturada em três etapas: (1) pré-análise, que envolveu a leitura e organização do material; (2) exploração do material, com a categorização das respostas abertas e codificação das unidades de registro; e (3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação, revelando sentidos relevantes a partir dos relatos dos participantes.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A distribuição do *link* com o questionário teve início na data de 07 de julho de 2025, e até o momento foram contabilizadas 11 respostas, sendo todas de famílias com domicílio em Ponta Grossa – PR. Quanto à necessidade de avaliação neuropsicológica, aproximadamente 45,5% das famílias buscaram ajuda por conta própria, 45,5% por orientação de profissional de saúde e apenas 9% foi orientada e encaminhada através de alguma observação realizada pela escola. Esse dado contrasta com as respostas referentes à ocorrência de problemas escolares (tanto de comportamento quanto de rendimento) que a criança vinha apresentando antes da avaliação, uma vez que 72,7% afirmaram que seu filho/a apresentava problemas escolares. Ainda assim, não houve orientação da escola para que as famílias buscassem por avaliação neuropsicológica.

Outro aspecto importante quanto a capacidade da escola em reconhecer os alunos com Altas Habilidades, foram as respostas dadas quanto questionados se escola apontou aos pais a possibilidade de a criança apresentar alguma neuro divergência, 54,5% das famílias responderam que não, enquanto 45,5% das famílias responderam que sim, mas que a escola pontuou a possibilidade de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção), sem jamais mencionar a possibilidade de Altas Habilidades. Esses dados corroboram com a literatura que demonstra que a maioria das instituições de ensino não sabem reconhecer as Altas Habilidades (Gadens-Marcon, 2022), não apresentam conhecimento suficiente sobre essa neuroatipicidade e, em muitos casos, os professores detêm uma visão estereotipada dos alunos AHSD, acreditando que tais estes apresentam características que não se mostram reais na prática (Nogueira et. al, 2022).

Quando questionados quanto a ocorrência de reuniões realizadas entre família e escola após o laudo do estudante, 90,9% responderam que essa reunião ocorreu, mas quando questionados se houve reunião entre a escola e o profissional que realizou a avaliação do educando, 40% apontou que essa reunião não ocorreu. Ainda, quanto à realização do Plano de Educação Individualizada (PEI) apenas 27,5% informaram que a escola realizou o PEI de maneira eficiente, os outros 72,5% responderam que a escola não realizou o PEI ou realizou, mas não aplicou. A percepção da família em relação ao preparo e conhecimento da escola no atendimento de alunos com Altas Habilidades, 63,6% responderam que acreditam que a escola não está preparada, mas se propõe a aprender, 18,2% consideram que a escola não está preparada e não se propõe a aprender e outros 18,2% responderam que a escola do seu filho está preparada.

As respostas coletadas até o momento estão de acordo com as pesquisas realizadas no período de aproximadamente 20 anos, em que houve investigação a respeito do atendimento dos alunos com Altas Habilidades. Em uma revisão de literatura, Nogueira et al. (2022) observou que na maioria dos trabalhos foi constatado que os professores não se sentem capazes de realizar o atendimento de maneira adequada, seja por limitação institucionais ou por ausência de vivência sobre o assunto em sua formação. Quanto aos instrumentos que a escola utiliza para atendimento destas demandas, os autores



concluíram que não há dados suficientes e que, possivelmente, não estejam sendo realizados os PEI pelas escolas.

Por fim, na questão aberta, as famílias pontuaram que a escola não ouve suas solicitações, embora não neguem verbalmente suas demandas, na prática não há mudanças efetivas da escola para o atendimento dessas famílias. De acordo com Oliveira e Marinho-Araújo (2010) a relação família-escola não é ideal se quer para as famílias de alunos típicos, os autores apontam que esse relacionamento é permeado por barreiras impostas às famílias, cuja participação é limitada a reuniões informativas, via de regra de mão única. Para os autores as relações família-escola se apresentam “pouco harmoniosas e satisfatórias”, tendo por base em posturas acusatórias e defensivas.

Ainda que os dados aqui explanados sejam parciais, já é possível perceber uma inadequação no atendimento dos alunos com Altas Habilidades no município de Ponta Grossa – Pr. A percepção das famílias quanto à relação família-escola é de um relacionamento bastante frágil, com famílias sentindo pouca segurança em relação à capacidade técnica da escola em realizar a inclusão escolar de seus filhos. Assim sendo, se a relação família-escola, das famílias típicas já apresenta complicações, as relações família-escola estabelecidas entre famílias de alunos neurodivergentes cujas necessidades não são plenamente atendidas e onde as famílias percebem pouca capacitação técnica e muitas vezes pouco interesse da instituição quanto às necessidades de seus filhos, temos uma relação ainda mais fragilizada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora incluídos como público alvo da educação especial, os alunos com AHSD ainda não são plenamente atendidos em suas necessidades educacionais. As dificuldades institucionais e de formação dos educadores influenciam diretamente na qualidade do relacionamento da família com a escola. Com famílias sentindo pouco ou nenhuma segurança em relação ao atendimento de seus filhos pela instituição de ensino.

Os resultados parciais encontrados na presente pesquisa demonstram que no município de Ponta Grossa a situação da relação família-escola das famílias dos estudantes com altas habilidades corrobora com os achados de demais estudos que abordaram a temática.

É fundamental a análise mais aprofundada dos resultados em sua integralidade, para compreender de maneira mais robusta qual a situação do relacionamento das famílias dos alunos com altas habilidades e as instituições de ensino, uma vez que a parceria é base para garantir o efetivo atendimento das demandas que a neurodivergência exige, o que interfere de sobremaneira na saúde mental dos alunos altamente habilidosos.

#### REFERÊNCIAS

ANDREATA FABER, Juliana; GOMES ALVES, Adriana. Altas habilidades/superdotação no Brasil: uma revisão de literatura no período de 2012 a 2022. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, Marília, SP, v. 10, n. 1, p. 11–26, 2023. DOI: 10.36311/2358-8845. 2023.v10n1.p11-26.

BOECHAT, G. P. F., SANTOS, A. L. de J. P. dos, MOURA, C. C. de GODIM, C. da S. R., LÔBO, I. M., MATA, S. A. da.- A influência da participação familiar e das redes de apoio na inclusão escolar de estudantes neurodivergentes. **Revista Foco Interdisciplinary Studies**. v. 17 n.8, p.01-15, 2024.



**BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da. União, Brasília, p. 27833.

CASTRO, Marcelo Lúcio Ottoni de; BRITTO, Tatiana Feitosa de. O Atendimento Escolar de Alunos com Altas Habilidades ou Superdotação: Desafios e propostas legislativas. Brasília: **Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado**, Dezembro 2023 (Texto para Discussão nº 323).

DELOU, C. **Informativo Altas Habilidades ou Superdotação.** Ministério da Educação, MEC. Brasília, 2022.

GADENS-MARCON, G. T. INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO. **Revista Científica Semana Acadêmica.** Fortaleza, ano MMXXII, Nº. 000227, 10/11/2022.

GASPAR, T., TOMÉ, G., RAMIRO, L., ALMEIDA, A., MATOS, M. G. de. Ecossistemas de aprendizagem e bem-estar: fatores que influenciam o sucesso escolar. *Revista Psicologia, Saúde & Doença*, 21 (2), p. 462-481. Lisboa, 2020.

NAOUROSKI, E. A., SAKAGUTI, P. M. Y. Família e escola nas dinâmicas relacionais da Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD). **Revista Diversa Prática**, v.5, n.2, p.267-287. Uberlândia, MG. 2018.

NOGUEIRA, I. F. et al. Altas habilidades/superdotação e ambiente escolar: uma revisão de literatura. **Revista de Psicopedagogia**, v. 38, n.117, p.416-432, 2021.

OLIVEIRA, C.B.E., MARINHO-ARAÚJO, C.M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia** | Campinas | 27(1) | 99-108 | janeiro - março 2010.

RECH, A. J. D., FREITAS, S. N. – A importância da superação de barreiras entre família e escola para a construção de um trabalho colaborativo em prol da inclusão escolar do filho e aluno com altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial.** v. 34. Santa Maria. 2021.

VIRGOLIM, A. – As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas. **Revista Educar em Revista**, v. 37, e81543. Curitiba, 2021.